

SILVIANO SANTIAGO

# Machado

*Romance*



Copyright © 2016 by Silviano Santiago

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Marcelo Girard

*Ilustração da capa*

Karakotsya/ Shutterstock

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Nana Rodrigues

Clara Diament

*Embora se inspire em fatos e pessoas reais, esta é uma obra de ficção.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Santiago, Silviano

Machado : romance / Silviano Santiago. — 1<sup>a</sup> ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2836-5

1. Romance brasileiro 1. Título.

---

16-08058

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

# Índice

- i. Carlos de Laet, Machado de Assis e Gustave Flaubert, 13
- ii. 29 de setembro, 48
- iii. Os vitoriosos, 83
- iv. 23 de fevereiro de 1906, dez horas da manhã, 115
- v. A Roda da Fortuna, a Roda dos Enjeitados, 156
- vi. A escada e o lustre: a solidariedade humana, 201
- vii. A ressurreição dos mortos, 245
- viii. A faca tem duas pontas, uma delas assassina, 292
- ix. Manassés e Efraim, 338
- x. Transfiguração, 379

*Agradecimentos*, 419

*Créditos das imagens*, 420

I.

# Carlos de Laet, Machado de Assis e Gustave Flaubert

*Um homem que começa mentindo disfarçada ou descaradamente acaba muita vez exato e sincero.*

Machado de Assis, *Memorial de Aires*, 21 de maio de 1888

*Ora, para caracterizar os retornos a Freud e a Marx, é preciso acrescentar um último atributo: eles se fazem com vistas a uma espécie de costura enigmática da obra e do autor.*

Michel Foucault, “O que é um autor?”

Compro o quinto volume da correspondência de Machado de Assis na manhã do dia 24 de junho de 2015. Datas-limite definem e recobrem o material anotado com competência por especialistas e publicado pela Academia Brasileira de Letras: 1905-1908. Se recortada, a curta fração de tempo ganha o formato de ponto de interrogação e sobressai de forma agressiva e incontornável. Os nove caracteres — oito algarismos unidos

quatro a quatro por traço — vêm impressos em negro na capa que guarnece cartas e mais cartas de Machado de Assis e de seus correspondentes. É inestimável a valia do volume para o estudioso da literatura ou para o simples observador da história nacional no início do século xx. Lá dentro, entre 1905 e 1908, se desenrola o cotidiano dos últimos anos de vida do grande romancista brasileiro que nasce na corte imperial em 1839. Passa toda a vida na metrópole, com curta estada em Petrópolis e em Nova Friburgo, e vem a falecer no bairro do Cosme Velho, em setembro de 1908, viúvo da portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais, e sem filhos.

Fixo os olhos no lado de fora do volume. Arecio a curta fração de tempo que acoberta a reta final duma compacta e misteriosa vida profissional, vivida de modo a realçar os valores nobres que uma nação formada por indígenas, conquistadores lusitanos, escravos africanos e colonos europeus pode manifestar no Novo Mundo. Salienta-se a reta final duma vida bem tecida com amizades e amor, de muito trabalho e muito sofrida.

Arecio a curta fração de tempo. Fascina-me enxergar a graça e o valor da experiência humana pela abreviação de longo e extraordinário percurso individual em pouquíssimos anos salientes. Nada responsabiliza mais o cidadão brasileiro letrado e o acusa de conluio vergonhoso com a ditadura imposta pelo Palácio do Catete que o relato dos meses que se seguem ao dia 13 de janeiro de 1937, dia em que o romancista Graciliano Ramos deixa a prisão a que fora condenado sem julgamento pelo regime Getúlio Vargas. Se o latino-americano negligenciar a viagem em 1936 do dramaturgo francês Antonin Artaud ao México, então presidido por Lázaro Cárdenas, não terá se adentrado com coragem e paixão pelas longas e intrincadas relações nos planos político e cultural entre os colonizadores espanhóis e os índios astecas e pelas relações pós-coloniais entre a Europa e a América Latina.

Ao negligenciar alguns meses das experiências de vida de Graciliano e de Artaud, nosso compatriota estaria também negligenciando o significado profundo da imersão tardia dos latino-americanos no fogo cruzado da Segunda Grande Guerra e o modo como a poderosa nação ao norte joga a bomba atômica em Hiroshima, chuta pra escanteio a Inglaterra e assume de modo dramático e incontestável a liderança mundial.

1905-1908. Um grão da areia que cobre as extensas praias que banham o oceano Atlântico. E se eu, para curar a intranquilidade que me assalta nos momentos duros da solidão derradeira, que desmorona o corpo e desmantela minha imaginação, decidisse domesticar, neste ano de 2015, a linguagem da viuvez e da velhice de Machado de Assis no modo como se amansa o filhote rebelde e arisco para transformá-lo em companheiro e interlocutor calado, em animal de estimação?

E se a curta fração de tempo vivida e impressa em negro na capa do livro fosse respeitada por mim como bula de remédio milagroso?

Há que se precaver com metáforas. *Adestramento da vida selvagem alheia e bulas de medicamento simbólico* são por natureza exercícios inequívocos e ditoriais e servem para reafirmar a eficácia de quem quer manter curtas as rédeas sobre o próprio corpo ou sobre o corpo alheio. No final, regras de adestramento e bulas propõem mais do que dispõem. Ao espalharem aos quatro ventos os benefícios fortificantes do controle físico e do autocontrole emocional, querem esconder melhor os danos colaterais.

Arrisco-me, assim mesmo.

Na hora de dormir, enquanto afofo o travesseiro, os dois olhos arregalados e agradecidos do filhote domesticado me espiam com meiguice. Deito na cama, recosto a cabeça, estendo o corpo e o recubro, e me encaminho devagarzinho para o sono. *Boa noite* — Machado de Assis e eu nos despedimos em silêncio

conivente para nos reencontrarmos nas regeneradoras aleias do sonho, lugar onde — e momento em que — o *happy ending* se assemelha a moral de fábula e diz que, ao embalo dos braços de Morfeu, os acontecimentos da véspera e os dramas tristes da vida são amadurecidos e caem do galho. Ao me levantar bem-humorado na manhã seguinte, calçar os chinelo e vestir o *robe de chambre* sobre o pijama, as quatro patas do bichinho de estimação se espreguiçam, distendem e me acompanham servilmente pelos cômodos do apartamento até a mesa. Espera-nos o café da manhã. Sirvo-o. Reinou a tranquilidade nas horas mais desamparadas e perigosas da nossa vida de velhos solitários.

Sem filhos e recém-viúvo, Machado de Assis continua a vivência e a rotina de pai de família casado, de funcionário público qualificado e cumpridor dos deveres, de refinado artesão das letras e amigo dos amigos. Depois da morte da patroa, as duas criadas permanecem no chalé do Cosme Velho. Carolina e Jovita se transformam em guardiãs durante o dia e anjos da guarda à noite. Para evitar lembranças amargas ou constrangimento diante de visita menos íntima, Machado alonga os nomes das criadas. Para a primeira adota o nome de Carolina Pereira e para a segunda, o de Jovita Maria. Apresentam-se mais como reorganizadoras da memória doméstica do que como alicerce ao sobrevivente castigado pela perda da doce Carolina no dia 20 de outubro de 1904. São proibidas pelo patrão de deslocar um único móvel ou objeto em toda a casa e de abolir ou simplificar os arranjos domésticos no quarto de dormir, na sala de banhos ou na sala de jantar e na cozinha. Bem que as duas tentaram retirar do lugar privilegiado a cadeira de dois assentos opostos, chamada de conversadeira, mas não conseguiram. Carolina Pereira volta a ter o cuidado — lembro e intercalo a observação feita por amigo íntimo do viúvo — em continuar a dispor na mesa de jantar os dois guardanapos, as duas xícaras e os dois pratinhos

rasos, acompanhados dos dois jogos de talheres. Revela que, mal acesas as luzes da casa, o fantasma de Carolina abandona a cova no Cemitério de São João Batista, volta a sentar no lugar de sempre, à cabeceira, para tomar o café da manhã com o marido.

No Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, onde tem a função de chefe de contabilidade, na Livraria Garnier, onde passa o final das tardes a conversar com colegas de literatura, e na recém-fundada Academia Brasileira de Letras, de que é o presidente desde a fundação em 1896, fala-se à boca pequena que, em virtude da solidão e da tristeza reinante no lar, as antigas e intermitentes crises nervosas do viúvo (as chamadas “vertigens”, causadas pela imprudência de não conseguir seguir à risca o conselho médico e evitar o café) estão se tornando constantes e públicas. Observa-se e se comenta que o aplicado funcionário público, o leitor atento e crítico da produção literária clássica e europeia e o romancista de renome internacional estão os três enfermos. Os três continuam também produtivos e, a cada dia que passa, mais exibem os achaques da idade aos íntimos e ao médico clínico, o dr. Miguel Couto.

No entanto, o amanuense, o crítico e o escritor conseguem impor em público — como bem centrado núcleo da personalidade senhorial — a figura morena e frágil, de chapéu entre os dedos, mas sempre altaiva, que, por tartamudear, se expressa em tom de sussurro. Nos momentos mais castigados do dia, o *vir probus*, com residência em chalé no bairro do Cosme Velho, alugado dos condes de São Mamede, se esconde por detrás do pincenê de cordão, da barba e do bigode bem aparados. Esconde-se, e sorri de modo discretíssimo e franco, como bruxo zombeteiro que aprendeu a resolver tantos enigmas humanos com o pó de cocaína sorvido nos livros que ama.

A intimidade pachorrenta e dolorida das noites sem fim da viuvez se resguarda na vida pública pelo avesso — este realça a

extroversão ceremoniosa, embora descompassada e agitada, do intelectual. Profundamente melancólico por dentro, Machado de Assis simula descontração, docura e atrevimento ao assumir sua parte de responsabilidade na governança da máquina pública nacional, no destino da arte da escrita literária no Brasil e na própria vida que se verga definitivamente sob o peso das doenças e dos anos. Embora recubra à perfeição os avanços guturais e amedrontadores da fala intermitente de gago contumaz, é calculado o modo da sociabilidade de quem está sendo abandonado definitivamente pela boa fortuna.

Por timidez, por teima ou por orgulho, o viúvo nunca se revela na condição de sobrevivente.

Poucas vezes fala a amigos da solidão angustiante por que passa e jamais exige a adesão sentimental dos escritores que lhe são próximos. Continua homem educado, operoso, fino e aflito. Aflitivo para alguns, já que o rosto se tornou ultrassensível às náuseas súbitas e passa a impressão de que ele está para morrer. Ainda que estivesse a salvar o condenado à força como a si, o mulato Machado deixa sobressair os ademanes de aristocrata e as frases castiças que se automodelam pelo falar culto, aprimorado no convívio com a esposa portuguesa. Parece aberto ao diálogo, ávido de contato com o outro e confiante nas avaliações que faz do ser humano. Ao redirecionar para o exterior os últimos fiapos de energia psíquica, magnetizando-os, ele está na verdade borrando a curiosidade alheia sobre a perda prematura da mãe e os maus-tratos que, desde a infância humilde no morro carioca, lhe foram impostos pelo destino e afastando os mexericos e as intrigas que capitalizam a saúde desde sempre fragilizada pelo grande mal. Nos corredores da burocracia e da vida literária, consegue desvencilhar-se da indiscrição malsã dos parceiros e neutralizar o demolidor disse me disse dos adversários.

Por simples vaidade, ou por querer emular a bonomia de mestre Victor Hugo a se divertir com os netos, o corpo enfermo do idoso e a mente envelhecida do escritor extraem o sumo da vida dos olhos derreados, mansos e meigos de mulato carioca, nascido no morro. Desvelam atenção ao interlocutor, amainam a conversação mais ríspida e afrouxam os atritos entre as partes em litígio. A doçura do olhar africano patriarcal — translúcida se observada através das lentes do pincenê — também dilui a dose expressiva de ressentimento acumulada no coração e ali guardada debaixo de sete chaves. No rosto enobrecido pela dura experiência de vida transparece o afeto à humanidade, sentimento indiscriminado e superior que tapa a boca do mais atrevido e insolente dos opositores, obrigando-o, quando em presença do escritor, ao cultivo do espírito de compreensão, tolerância e respeito.

Mas a crise nervosa, a convulsão, chega sem se anunciar. Põe abaixo os andaimes erguidos com vistas à construção infundável da subjetividade fraterna e poderosa pelo mestre dos mestres. Se a convulsão se anuncia pela fosforescência de bicos de gás que se apagam e se acendem, riscando com traços dourados e multicoloridos o ambiente como fogos de bengala, se se anuncia pelas faces repentinamente pálidas e pela tonteira que se lhe segue, pelos braços doloridos ou pelos dedos crispados ou pelas unhas que causam ferimentos nos braços da boa alma que acode o convulsivo, se se anuncia pela perda de coerência na fala, pela boca de lábios agigantados, cuja saliva ganha tal massa que a gosma esbranquiçada força os dentes, transpõe os lábios, tendo de ser escarrada no lenço, o enfermo busca alguma figura amiga à vista e dela se aproxima cambaleando. O corpo capitula ao ritmo gradativo de homem ferido por punhal ou por tiro de revolver. Caso o convulsivo perca de todo o equilíbrio de animal bípede, pode cair, ferir os braços e os joelhos e até o rosto.

O corpo tomado pela crise se apoia, então, em pessoa amiga como num par de muletas, ao mesmo tempo em que a boca a gesticular, gaguejando monossílabos, e a espumar saliva lhe implora para não chamar a atenção dos demais passantes. A exigência do recato é mistério indevassável.

Lembro-me do relato elaborado pelo escritor Carlos de Laet, professor do Colégio Pedro II e jornalista antirrepublicano.

Ao acaso da sua caminhada diária pela rua Gonçalves Dias, Carlos de Laet está a conversar com colega do Colégio Pedro II e a zombar da Academia Brasileira de Letras, a que pertence. Diz que os acadêmicos perdem tempo a debater a ridícula simplificação ortográfica da língua portuguesa, proposta em plenário pelo pseudofilólogo e pedagogo Medeiros e Albuquerque, conhecido bajulador dos militares no poder e reconhecido pelos escolares como o autor dos versos bisonhos do Hino da Proclamação da República: “Nós nem cremos que escravos outrora/Tenha havido em tão nobre país.../ Hoje o rubro lampejo da aurora/Acha irmãos, não tiranos hostis”.

Nos primeiros anos do século xx, não há novidade na capital federal que o jornalista adepto do regime monárquico e inveterado amigo da Igreja católica não encare pelo parti pris derrisório da polêmica pública. Laet teria sido também um ótimo caricaturista. E na verdade ele próprio é caricatura ambulante do Rio antigo. Tem o queixo apenas manchado por barbicha rala, não larga o guarda-chuva de alpaca nem o pincenê de cordão e, debaixo do braço, carrega uma maçaroca de jornais. Na polêmica, prefere o sabre ao florete. E em geral o cruza com estrondo nos ares antes de cravá-lo no inimigo. Como a maioria dos amigos íntimos, tem a mão pesada de monarquista enrustido em tempos de perseguição política pelos militares no poder. Se o clima ideológico permitisse, estaria sempre pelejando contra os republicanos, como os antigos guerreiros das cruzadas. Não admite as mudanças institucio-

nais que estão sendo feitas à galega pelos representantes do novo regime, que impõem a ferro e fogo ao cidadão a cartilha positivista e científica, dita republicana. Tendo a fala fácil e convincente, o professor Carlos de Laet gosta de desembrulhar as propostas dos antimonarquistas seus inimigos em elucubrações intempestivas e de exibi-las nuas em letra de imprensa. É panfletário por natureza. Costuma exemplificar concretamente os argumentos ferinos e os sustentar com bordões de fácil memorização.

Laet toma o bonde e vai até a Gamboa. Manda um fiel tipógrafo imprimir em cartão-postal um exemplo contundente da falta de lógica do projeto de reforma que Medeiros e Albuquerque faz correr em favor de nova grafia fonética para a língua portuguesa no Brasil republicano, à semelhança do que era proposto em outras línguas nacionais do Ocidente. Logo os colegas acadêmicos atribuem conotação monárquica às duras críticas filológicas que faz. Seu grande desafeto é José Veríssimo — na nova ortografia, Zé Veríssimo —, reconhecido como historiador da literatura brasileira e evidentemente defensor do regime re-

publicano. Laet não esmorece; passa a distribuir entre colegas, alunos e amigos o cartão-postal impresso na tipografia da Gamboa. Distribui-o como se entrega cartão de visita ao novo amigo.

Parados na calçada da Gonçalves Dias, Laet e seu colega se divertem com as frases reproduzidas no cartão, segundo a nova bitola simplificadora:

Fálase muinto en ortografia fonética: mas en ke se rezume ela?

Na ekuasão du son i da grafia: ora, tal ekuasão não eziste, nunca ezistirá con un alfabetu ke, kual u ke erdamus dus latinus, é au mesmu tempu defisiente e superabundante.

Logo, nunka será posivel fazer ortografia fonetika, antes ke Medeirus e seus adeptus corrijão u alfabetu, ô inventen ôtro melhor. Não se pôde fazer uma omelete sen kebrar us óvus, nen ortografia fonética sen mandar au infernu a tradisão.

Esse é o texto escalafobético que está sendo mostrado e lido por ele ao colega, e comentado jocosamente pelos dois, e eis que de repente seu olhar se levanta do papel para enquadrar a inesperada figura em preto do viúvo do Cosme Velho. Machado de Assis se aproxima a caminhar pela rua Gonçalves Dias, vindo da rua do Ouvidor em direção à Sete de Setembro.

Para melhor observar o escritor ao longe, Laet abre uma frincha na risada que comparte com o colega.

Machado, visivelmente desnorteado, tem a pessoa de Laet como único alvo, razão maior para que, por passe de mágica, o católico fervoroso entristeça a cara sorridente e prepare de antemão a palavra de reconforto pela recente e lamentável perda da devotada Carolina. Esquece-se de dar a réplica ao colega do Pedro II. Repara melhor nos passos titubeantes e apressados do confrade que, mais próximo, lhe faz um discreto sinal. A pressa no caminhar não camufla o semblante desassossegado do viúvo,

antes o escancara pela respiração arquejante e pelo movimento impaciente e nauseado dos lábios como se a mastigar alimento de difícil ingestão. Ao se aproximar, Machado de Assis sussurra frases aparentemente desconexas. Ecoam com discrição nos ouvidos de Laet. Se bem consideradas, não são compreendidas. Passam a assustar os dois bem-humorados professores.

O andar desnorteado, o semblante desassossegado e as palavras desconexas do recente viúvo desqualificam não só a expressão dos sentimentos de compaixão que vinham sendo ensaiados por Laet e seu colega do Colégio Pedro II, como também os cumprimentos afetuosos, embora tristes. Não conseguem se adiantar ao inevitável assalto do viúvo, tomado por crise.

Na estreitíssima calçada da rua Gonçalves Dias, Laet e seu colega ficam empacados que nem burros de carga; mudos e assombrados, se transformam em muro de pedras a impedir o vaivém cotidiano dos passantes. Recolhem o abraço sentido que fortaleceria e revigoraria a sensibilidade combalida do presidente da Academia de Letras, entregue ao luto cerrado desde a morte da esposa.

As curtas frases sussurradas pelo mestre saem aos solavancos, sem sentido aparente. O rosto perturbado e o corpo sem plomo, enviesado, estão de frente para os dois professores e atraem o propalado estoicismo e também a elogiada retidão de propósitos do grande escritor nacional, do mesmo modo como o Santo Graal se evocado em delírio noturno pelo cavaleiro da Távola Redonda reflete o estado de confusão mental a que pode chegar o cruzado obcecado.

Chocado, Laet escancara os olhos e não acredita na cena que flagra em plena rua do centro da capital federal e à luz do sol. Atônito, julga que a dor pela perda de Carolina é que lhe transtorna a fisionomia e que as palavras são balbucios porque proferidas por criança órfã, aturdida por tragédia incompreen-

sível. Não há como lhe passar pela cabeça que o escritor tenha exagerado no vinho e caminhe trôpego pelas ruas como um ébrio. Lembra-se, acertadamente, das crises de fundo nervoso que de tempos a tempos atacam o fundador da Academia de Letras e lhe despedaçam a couraça impermeável que agasalha a sensibilidade à flor da pele, desnudando-a. Quer desvencilhar-se do colega de colégio. Muda de assunto: recorre à confusão no trânsito acarretada pelo desentendimento entre um pedestre e o cocheiro da carroça de aluguel que vinha chicotando os cavalos e atropelando os passantes, e finalmente se queixa do vento que sopra pela brecha das ruas estreitas e lhe encarde o terno escuro com a densa poeira das demolições dos casarões coloniais. Alegando compromisso cerimonioso e urgente, Laet se despede do colega com quem zomba da reforma ortográfica proposta por Medeiros e Albuquerque.

Sozinho, Laet dá um passo até o velho enfermo e lhe dá o braço sem abraço. Com a firmeza de poste, sustenta o corpo enviesado, já curvado e bamboleante. Ao se expandir de forma desengonçada, o viúvo se entrega a ele como se à beira do desmaio. A situação exige jogo rápido e clandestino.

Laet substitui as ensaiadas palavras de condolênciа pela sugestão dum gole de Elixir Werneck, que lhe deve acalmar o estômago e restaurar o ânimo.

Leva-o amparado até a farmácia mais próxima. A de Orlando Rangel, que fica logo adiante, no número 41 da rua Gonçalves Dias. O farmacêutico e proprietário do estabelecimento reconhece o senhor que requer cuidado médico. Cumprimenta-o pelo nome. Abre a portinhola que acopla os balcões em L da loja, deixa-o entrar no recinto fechado e o conduz a um quartinho nos fundos, resguardado por cortina negra.

Em estado de choque, Laet toma assento numa das cadeiras para os clientes, como se estivesse à espera dos remédios receita-

dos pelo médico. Não enxerga os fregueses que entram e saem da farmácia e os dois balonistas que os atendem. Permanece calado. Mantém-se como se estivesse sentado em banco do cais Pharoux, a aguardar que a lancha que traz os passageiros do transatlântico fundeado na baía ganhe as águas rasas do píer para dela sair a visita tão aguardada. *Para tal golpe não há bálsamo possível* — a frase ocupa o vazio da sua cabeça, como refrão de ladinha, e expressa um profundo desalento diante da fatalidade. Sua consciência adormece pouco a pouco.

Por detrás da cortina negra, o enfermo está sendo atendido pelo farmacêutico de plantão.

O velho enfermo reaparece restabelecido de todo.

Quando Machado de Assis transpõe de volta a portinhola que une os balcões em L, seu rosto senhorial concerta medidas aos poucos fregueses da farmácia. Distenso, o enfermo retoma posse do corpo pequeno-burguês e este, todo de negro, ainda trajado à moda da Monarquia, reassume a personalidade mundana. A vida continua, como se a interrupção no convívio social cotidiano, camouflada pela cortina negra da farmácia de Orlando Rangel, não tivesse acontecido. Interrupção longa e tão definitiva que reconfiguraria para sempre o caráter de Carlos de Laet, sorteado pelo Acaso para contracenar com Machado de Assis no palco da rua Gonçalves Dias, em pleno centro da cidade que o prefeito Pereira Passos manda botar abaixo para que se construa a avenida Central.

Laet e Machado saem pela ampla porta da farmácia de Orlando Rangel. Lado a lado, como dois peões no tabuleiro de xadrez. Não dialogam. Expressam-se por curtíssimos solilóquios paralelos, como se marionetes em espetáculo absurdo. A linha dramática imposta pelo *metteur en scène* do Acaso à dupla de

de loteria se misturam às cadeiras de engraxate e aos balcões de vender bicho. Cada um e todos gesticulam como loucos de hospício e apregoam aos gritos a mercadoria que lhes traz moedas e sustenta as famílias. Muitas das janelas do antigo hospital ficavam entreabertas durante todo o dia e exibiam a diversidade das faces dos convalescentes vestidos com camisolas de dormir. Emoldurados pelos caixilhos das janelas, os fantasmas humanos pareciam uma sucessão de retratos funestos, dependurados na parede de museu de arte. Os cabelos dos internados estavam engordurados e em desordem; os rostos, desbotados e as roupas, encardidas. As narinas de Laet se apuram e recordam o insuportável cheiro de iodofórmio e de fenol que fluía em nuvens pelo portão do hospital, que ao mesmo tempo era atravessado por duplas de enfermeiros apressados que conduziam a maca para o doente que chegava deitado na carruagem puxada a burro.

O olhar cismarento de Laet reganha o real: agora, o prédio que domina o largo é o moderno e amplo Edifício do Café, de três andares, projetado segundo o elogiado estilo compoteira, tomado de empréstimo dos arquitetos modernizadores de Paris. No andar térreo do prédio ao lado funciona a Confeitoraria Rocha & Menères. No seu vasto e aconchegante salão, um seleto e combativo grupo de velhos conselheiros do Império ainda se reúne das quatro às seis. Por comungar as ideias e os ideais dos habitués, Laet aparece com frequência. Os alegres amigos bebericam, conversam, recitam poemas safrícos, fazem piadas e inventam trocadilhos com base no nome das personalidades políticas que se destacam nos jornais do dia.

O bonde das Laranjeiras deu a volta pelo largo da Carioca e para no ponto. Laet quer dizer a Machado de Assis que sua ascendência sobre ele não está diminuída. Não consegue abrir a boca. Abre-a, ameaçando querer fazer-lhe companhia, acompanhando-o até em casa.

Ao se aproximarem do bonde, Machado, com gesto ríspido, proíbe definitivamente o salvador de acompanhá-lo ao Cosme Velho. Pede-lhe muitas desculpas pelo incômodo causado. Acrescenta que em visita futura retribuirá a generosidade do gesto fraternal. O salvador não insiste em acompanhá-lo. Não se dobra fácil a vontade do mestre. Sustentando com os braços o peso do corpo do viúvo, ajuda-o a ganhar o estribo do bonde e, em seguida, o assento. Tão logo o acomoda no banco, desce ao mesmo tempo em que o livra do bando de moleques que querem lhe vender biscoitos e balas.

Para desanuviar o mal-estar na despedida, Laet não se contém e repete ao enfermo a expressão que ele diz quando, no meio duma festa maçante, dissimula sua desaparição discreta. Laet lhe grita da calçada, plagiando a fala educada e a entonação do seu ouvinte: “Vou raspar-me à francesa!”, e por conta própria acrescenta um conselho fraternal que não esconde o puxão de orelha de reprimenda: “Você não se corrige”. Com essa nota descontraída, Laet abandona o viúvo, sentado sozinho no bonde das Laranjeiras.

Laet vê que se distanciam no horizonte o bonde praticamente vazio e o confrade. Vão em direção ao largo da Lapa.

Instintiva e vagarosamente os acompanha com pernas que logo dobram à esquerda e ganham o vasto canteiro de obras onde a multidão de trabalhadores braçais abre pouco a pouco a futura avenida Central e, a toque de caixa, constrói de um lado e do outro os imponentes prédios art nouveau. Agiganta-se ao fundo, à direita, o moderno e majestoso Palácio São Luís (futuro Palácio Monroe, sede do Senado Federal a partir de 1925), prédio construído originariamente em território norte-americano, na cidade de St. Louis, às margens do rio Mississippi. Lá se realizou a Exposição Universal (World's Fair) de 1904, comemorativa do centenário da incorporação da Louisiana aos Estados

Unidos. Por ordem do presidente Rodrigues Alves, a nova República do Brasil se fez representar pelo moderníssimo pavilhão. Toda a sua complexa estrutura seria posteriormente desmontada e transplantada em navio cargueiro para o Distrito Federal, onde serviria de sede para a III Conferência Pan-Americana, projetada para o ano de 1906.

Nos anos de 1905 e 1906, o inovador e astucioso prédio construído em St. Louis é reerguido peça por peça no centro do Rio de Janeiro. Passa a ocupar amplo terreno no início da avenida Central, de onde acabavam de ser varridos os destroços das velhas casas e casarões coloniais que sobreviviam na região das ruas do Passeio e da travessa do Maia, à beira da praia de Santa Lúcia.

Enquanto caminha em direção à baía, os sapatos de Laet batem estaca no terreno pedregoso da memória em pânico. Arrasado, ele se distrai observando o trajeto das carroças de entulho puxadas a burro. Admira os belos lampiões em ferro batido. Como árvores sem raízes, cujos galhos metálicos são insensíveis às rajadas de vento, eles foram plantados nas calçadas pavimentadas pelos calceteiros imigrantes. À imitação do mar que já se avista desde as escadarias do futuro Palácio Monroe, as pedras portuguesas brancas e pretas desenham as sucessivas ondas em movimento. Laet chega finalmente à beira-mar. Para se desintoxicar da poeira úmida das demolições, o pulmão inspira o vento benfazejo da tarde que, no entanto, ameaça tempestade ao cair da noite.

Decide tirar os noves fora do recente e atropelado encontro com Machado de Assis.

Debruça-se sobre a amurada da avenida Beira-Mar. E admira a bela paisagem de cartão-postal. Descortina-se a baía de Guanabara em todo o seu esplendor. À direita, o bairro da Glória e o do Flamengo. Escondem pelas costas a enseada de Botafogo. Bem ao fundo, o Pão de Açúcar desde sempre protege os habitantes da cidade. O morro, qual paquiderme monstruoso